

Apresentação

O cineasta Jean Renoir é também autor de um belo livro – **Pierre Auguste Renoir, Meu Pai** (Paz e Terra, 1988). Lembra que o pintor Renoir morreu em 1919 e, naquele tempo, “o campo começara a se esvaziar em proveito das cidades; os operários trabalhavam em fábricas; Renoir tinha telefone; tínhamos um fonógrafo; também tínhamos um aparelho de projeção; o divórcio existia; falava-se do direito dos povos em dispor de si mesmos; o problema do petróleo dominava o mundo; as mulheres cortavam os cabelos; os passaportes se tornaram obrigatórios; o serviço militar era obrigatório; a revolução comunista acontecera; a psicologia estava na moda; falava-se muito de um certo Freud.”

E “Os jornais se inquietavam com a propagação das drogas entre os jovens. Senhores de idade faziam conferências sobre o problema da juventude”.

A produção e comercialização das drogas expandiram-se, apesar da crescente política de criminalização. Alguns países, percebendo que não se trata de uma questão a ser resolvida pelo sistema penal, apostam na descriminalização.

O seminário realizado em 4 de abril de 2013 (Drogas: dos perigos da proibição à necessidade da legalização), parceria da EMERJ (Fórum Permanente de Direitos Humanos; Fórum Permanente de Direito e Processo Penal) com o Instituto Carioca de Criminologia e a Law Enforcement Against Prohibition, faz sobre a questão uma análise científica e sem preconceitos.

Depois de quase cem anos, os “senhores de idade” e a juventude que dele participaram buscam identificar as razões do proibicionismo, sempre vinculado à exacerbada ideologia de repressão e da segregação.

Des. Sérgio de Souza Verani

Diretor-Geral da Escola da Magistratura do

Estado do Rio de Janeiro - EMERJ